

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS DOIS DEVEDORES: UMA ANÁLISE DO TEXTO DE LUCAS 7.36-50 COM UM OLHAR SOBRE OS ELEMENTOS CULTURAIS

The two debtors: an analysis of the text of Luke 7.36-50 with a look over the cultural elements

Bruno Litz¹

RESUMO

Este artigo concentrou-se na análise do contexto cultural do texto de Lucas 7:36-50 com o objetivo de verificar e comprovar como isso contribui para o entendimento da passagem. Além disso, a pesquisa também abordou os ensinamentos da parábola mencionada por Jesus no relato. Em sua conclusão, o artigo demonstrou as evidências e resultados genuínos do perdão na vida de um pecador, utilizando como exemplo as atitudes da mulher. Além do mais, foi apresentado o caso de Simão, fariseu para quem o perdão não foi concedido, explicando as razões para isso ter ocorrido.

Palavras-chave: Contexto Cultural. Parábola. Perdão.

ABSTRACT

This article has concentrated itself on the analysis of the cultural context of the text of Luke 7:36-50 with the objective of verifying and proving how that contributes to the understanding of the passage. Furthermore, the research also approached the teachings of the parable mentioned by Jesus in the narration. In its conclusion, the article demonstrated the genuine evidences and results of forgiveness in the life of a sinner, utilizing the actions of the woman as an example. Along with that, it also presented the case of Simon, Pharisee to whom forgiveness wasn't given, and explained the reasons for it to had happened.

Keywords: Cultural Context. Parable. Forgiveness.

¹ O autor é estudante de Teologia na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bruno.litz01@gmail.com

INTRODUÇÃO

O conhecimento do pano de fundo de uma passagem bíblica é um dos princípios básicos da hermenêutica.² Entender o contexto histórico, cultural e social do texto é uma das atividades que o intérprete não pode negligenciar. Desta forma, o presente artigo objetiva analisar o texto de Lucas 7.36-50³, levando em consideração o evento em que o relato aconteceu, o jantar na casa de Simão, o significado da falta de hospitalidade do anfitrião e o peso das atitudes da mulher pecadora dentro da cultura judaica do Oriente Médio do primeiro século. Verificar estas informações colabora para a compreensão e interpretação do texto. Após a observação destes elementos, também será apresentada uma análise da parábola mencionada por Jesus e seus ensinamentos.

1. O JANTAR: EVENTO EM QUE O RELATO ACONTECE

Alguns detalhes a respeito deste episódio precisam ser esclarecidos para que um leitor ocidental contemporâneo o compreenda. Um deles é a situação em que a história se passa. Em primeiro lugar, é necessário destacar que no Oriente Médio o ato de receber hóspedes era um “negócio público”.⁴ Além disso, a hospitalidade era e ainda é vista com muita estima pelo povo judeu, normalmente muito generoso e criterioso em relação às refeições.⁵

Outro fator digno de nota sobre os jantares da época, é de que funcionavam como um ambiente para palestras e discussões. Conforme Bailey, o banquete em questão poderia ser um evento no qual esperava-se que um “sábio visitante”, no caso Jesus, discutisse assuntos teológicos com os intelectuais locais, Simão e os demais fariseus.⁶ Naquele contexto, convidar um mestre para jantar era tido como uma ação de grande honra, ainda mais se esse mestre

² GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**: orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. 3.ed. Curitiba: ADSantos, 2004, p. 37.

³ ³⁶ Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. ³⁷ E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; ³⁸ e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento. ³⁹ Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. ⁴⁰ Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. ⁴¹ Certo credor tinha dois devedores, um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. ⁴² Não tendo nenhum dos dois com o que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? ⁴³ Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. ⁴⁴ E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. ⁴⁵ Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. ⁴⁶ Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. ⁴⁷ Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. ⁴⁸ Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. ⁴⁹ Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? ⁵⁰ Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz. (**BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000).

⁴ BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 40.

⁵ DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 137.

⁶ BAILEY, 1995, p.40.

fosse estrangeiro ou se houvesse recentemente ensinado numa sinagoga⁷, características correspondentes ao perfil de Jesus. Estas informações, portanto, apresentam as razões pelas quais Jesus teria sido convidado para o evento e são confirmadas pela maneira que Simão se refere a ele no versículo 40, utilizando a expressão “mestre”.⁸

Também é preciso analisar de que forma a casa do anfitrião e os móveis eram organizados a fim de receber os convidados. Conforme Rops, em um banquete judeu “ninguém comia em pé”.⁹ Ao contrário do que acontece na maioria das refeições ocidentais, eram dispostos divãs nos quais os convidados se reclinavam.¹⁰ Ao comer, as pessoas se apoiavam no cotovelo esquerdo e utilizavam a mão direita para alcançar o alimento.¹¹ Por conta desta forma de se posicionarem, os pés, devido à sua natureza impura e ofensiva na sociedade oriental¹², sempre ficavam para trás, afastados da comida.

Como fora mencionado, uma refeição era um evento público no qual o anfitrião era notado por toda a comunidade. Numa situação como essa, era comum que as portas ficassem abertas, de maneira que até as pessoas que não foram convidadas tivessem a liberdade de entrar na casa.¹³ Rienecker concorda com essa afirmação e comenta que “conforme o costume oriental, também estranhos podiam observar o lauto e solene banquete a partir do pátio”.¹⁴ Desta forma, a mulher que intervém no jantar não é uma invasora, mas uma transeunte que estava perto da casa de Simão.¹⁵

Ainda a respeito do jantar, é necessário destacar as formalidades exigidas na recepção de um convidado. O padrão era de que:

- 1) O anfitrião colocava as mãos nos ombros do hóspede e lhe dava o beijo da paz. Esse era um sinal de respeito que não podia ser omitido especialmente quando se recebia um distinto rabino.
- 2) Havia, também, o costume de lavar os pés dos hóspedes, haja vista serem as estradas de terra e com muita poeira. Os calçados eram chinelos presos aos pés por tiras e isso fazia os pés suja-rem muito, daí o costume de lavá-los.
- 3) Finalmente, colocava-se um pouco de essência de cheiro de rosas sobre a cabeça do hóspede. Essas três atitudes demonstravam boa educação do anfitrião [...].¹⁶

O que deve ser destacado na passagem bíblica em questão, é que Simão, o anfitrião, não realizou nenhuma dessas ações. Essas faltas configuram um grande escândalo e uma inaceitável quebra de protocolo. Sobre isso, Bailey comenta que “os rituais aceitos de recepção do hóspede não foram apenas esquecidos na narração da história, mas haviam sido

⁷ KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 232.

⁸ Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

⁹ DANIEL-ROPS, 1983, p. 138.

¹⁰ BAILEY, 1995, p. 40.

¹¹ DANIEL-ROPS, 1983, p. 138.

¹² BAILEY, 1995, p. 41.

¹³ BAILEY, 1995, p. 42.

¹⁴ RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005, p. 183.

¹⁵ BAILEY, 1995, p. 41.

¹⁶ FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho de Lucas**: a vida de Jesus. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 90.

grosseiramente omitidos por um hospedeiro preconceituoso”.¹⁷ Em outra obra, Bailey pontua claramente que “essa cena é cheia de tensão causada pelo que *não aconteceu*”.¹⁸ Essas falhas demonstram um grande hipocrisia por parte de Simão, que se refere a Jesus como mestre, mas não o trata como tal. A falta de um beijo na recepção de um convidado, por exemplo, até hoje é classificada na cultura oriental como um claro ato de desprezo ou uma demonstração de que o hospedeiro é muito mais importante socialmente do que o hóspede.¹⁹ Então, na situação em que Jesus estava sendo publicamente humilhado, uma hóspede indesejada por Simão aparece. Tal hóspede será analisada no próximo tópico.

2. UMA HÓSPEDE INDESEJADA: A MULHER PECADORA

Algumas informações a respeito da identidade dessa mulher que surge no relato devem ser consideradas. Apesar das inegáveis semelhanças com os relatos de Mateus 26.6-13, Marcos 14.3-9 e João 12.3-8, ela não pode ser confundida com Maria Madalena ou com Maria de Betânia, irmã de Lázaro.²⁰ Algo que colabora para que essa diferenciação seja estabelecida é o fato de que os relatos narrados por Mateus, Marcos e João se referem a um incidente ocorrido na última semana da vida de Jesus. Enquanto isso, o relato de Lucas se refere a um acontecimento muito anterior à crucificação.²¹

Por outro lado, é possível, a partir do texto bíblico, deduzir algumas das características dessa mulher. Primeiramente, ela é identificada como uma pecadora conhecida por sua reputação leviana.²² Desta forma, provavelmente ela era uma prostituta.²³

Além disso, suas ações permitem entender que ela já havia tido algum tipo de contato com Jesus. Um contato significativo o bastante para fazê-la enxergar o mestre como seu salvador.²⁴ Como Bailey conclui a respeito da situação:

Fica claro que suas lágrimas não são por seus pecados, mas pela humilhação pública de Jesus. Ela está angustiada, porque, diante de seus olhos, essa pessoa maravilhosa que a libertou com sua mensagem do amor de Deus pelos pecadores está sendo humilhada publicamente.²⁵

Rienecker concorda com essa alternativa, dizendo que mesmo que seja impossível determinar o momento em que ela se encontrou com Cristo, “ela já havia recebido dele a grande mensagem do perdão de todos os seus pecados”.²⁶ Wiersbe, por sua vez, apresenta a possibilidade de que a mulher teria se arrependido e convertido ao ouvir as palavras de Jesus

¹⁷ BAILEY, 1995, p. 42.

¹⁸ BAILEY, Kenneth. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 245.

¹⁹ BAILEY, 1995, p. 42.

²⁰ RIENECKER, 2005, p. 181.

²¹ MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 138.

²² KEENER, 2017, p. 232.

²³ DANIEL-ROPS, 1983, p. 205.

²⁴ BAILEY, 2016, p. 250.

²⁵ BAILEY, 2016, p. 250.

²⁶ RIENECKER, 2005, p. 184.

registradas em Mateus 11.28-30²⁷, opinião também defendida por Ryle.²⁸ De qualquer maneira, a partir dessas informações é possível compreender a motivação de sua ida até a casa de Simão, demonstrar a sua gratidão a Jesus, o que também permite um entendimento mais profundo de suas atitudes, feitas em compensação às falhas do anfitrião. Tais atitudes serão analisadas no próximo tópico.

3. AS ATITUDES DA MULHER E SEUS SIGNIFICADOS

Segundo Bailey, “os atos da mulher não são aleatórios nem totalmente premeditados”.²⁹ O fato de ela ter levado o unguento (ou perfume³⁰) consigo, demonstra certo planejamento, enquanto que o choro é uma demonstração emocional espontânea. Ela provavelmente estava aguardando o cumprimento das cortesias tradicionais de lavar os pés do hóspede. Como isso não acontece, ela se entristece e chora diante da humilhação sofrida por Jesus e da sua impotência em relação a isso, utilizando as próprias lágrimas para lavar os seus pés.³¹

Esta atitude possui um significado muito profundo dentro do contexto judaico. O anfitrião era responsável por fornecer a água em que o hóspede se lavaria. Contudo, a tarefa de lavar os pés de outras pessoas pessoalmente era considerada um ato servil, reservado a escravos ou a uma classe de servos.³² Morris apresenta a mesma perspectiva, dizendo “que ela o derramou nos pés é provavelmente uma marca de humildade. Tratar dos pés era uma tarefa menial que era atribuída a um escravo”.³³ Dessa forma, ela reconhece a Cristo como seu senhor e se identifica como serva.

Além de chorar, outro ponto a ser destacado é que ela utilizou os próprios cabelos para enxugar os pés de Jesus. Como Morris relata, essa foi “uma ação significativa, porque as senhoras judias não desatavam os cabelos em público”,³⁴ Muito mais do que uma atitude incomum, estar com os cabelos soltos, para uma mulher da época, era na verdade uma das maiores humilhações.³⁵

Bailey traz outras informações muito importantes para um entendimento adequado dessa ação. Os cabelos eram tratados com tamanho cuidado pelas mulheres, que a sua soltura era comparada com o descobrir dos seios.³⁶ Por outro lado, essa ação não deve apenas ser vista com uma conotação de impureza e imoralidade, porque também “foi um gesto de imensa ternura, pois esperava-se que uma camponesa fizesse isso apenas na presença de seu

²⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento: Volume I. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 256.

²⁸ RYLE, John C. **Meditações no Evangelho de Lucas**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2018, p. 171.

²⁹ BAILEY, 2016, p. 248.

³⁰ BAILEY, 1995, p. 25.

³¹ BAILEY, 2016, p. 249.

³² KEENER, 2017, p. 343.

³³ MORRIS, 1983, p. 139.

³⁴ MORRIS, 1983, p. 139.

³⁵ RIENECKER, 2005, p. 184.

³⁶ BAILEY, 1995, p. 46.

marido”.³⁷ Além disso, como o mesmo autor relata em outra obra, o normal era que a noiva apenas mostrasse seus cabelos ao marido na noite de núpcias. Dessa forma, “ao soltar os cabelos, ela está fazendo um tipo de promessa de máxima lealdade a Jesus”.³⁸

Outra atitude tomada pela mulher, como o próprio Jesus relatou, foi a de incessantemente beijar-lhe os pés. Essa não foi apenas uma compensação pela falta do ósculo de Simão, mas “um gesto público de grande humildade e devoção”.³⁹ A respeito disso, Bailey é muito útil em lembrar uma ilustração do Talmude “de um homem acusado de homicídio, que beija os pés do advogado que o absolvera, e desta forma salvara a sua vida”.⁴⁰

Ainda sobre essa atitude, mencionando algumas situações em que era empregada, Rienecker comenta que:

Era assim que os súditos beijavam sua autoridade. Samuel beijou Davi depois de tê-lo ungido rei, para mostrar que ele o havia reconhecido como seu senhor. Era assim que os persas beijavam seus reis, os romanos seus imperadores. Era assim que também os filhos beijavam os pais, Jacó a Isaque, José a Jacó, Tobias a seu pai, o aluno a seu mestre.⁴¹

Por último, existe ainda mais uma ação da mulher que precisa ser observada: a unção dos pés de Jesus com o unguento ou perfume. Normalmente essa unção era feita com azeite, a utilização de um perfume caro torna-a muito mais valiosa social e financeiramente.⁴² Essa hipótese é confirmada por um fato mencionado por Morris, no qual alguns sábios teriam alocado a certa mulher um montante de 400 moedas de prata por um perfume.⁴³ Rienecker também apresenta a possibilidade de que esse presente poderia até mesmo ter sido comprado com toda a sua fortuna⁴⁴, sendo algo de grande valor.

No contexto judaico, o perfume não era visto com uma conotação negativa. Porém, pela forma que a mulher era conhecida, esse presente poderia ser entendido como impuro e imoral.⁴⁵ Pois poderia até mesmo ser um produto adquirido com os ganhos da prostituição.⁴⁶

Bailey apresenta uma perspectiva interessante sobre o assunto, entendendo o perfume não como o produto da vida na prostituição, mas como uma ferramenta para isso. Ele diz que “um frasco com esse perfume era usado pelas mulheres dependurado no peito, de um cordão ao redor no pescoço. Esse perfume era usado tanto para perfumar o hálito quanto a pessoa”.⁴⁷ E que, portanto, “não é necessária muita imaginação para entender como esse frasco devia ser importante para uma prostituta”.⁴⁸ Dessa forma, o derramar do perfume não se configura

³⁷ BAILEY, 1995, p. 46.

³⁸ BAILEY, 2016, p. 253.

³⁹ BAILEY, 1995, p. 47.

⁴⁰ BAILEY, 1995, p. 47.

⁴¹ RIENECKER, 2005, p. 184.

⁴² BAILEY, 2016, p. 249.

⁴³ MORRIS, 1983, p. 139.

⁴⁴ RIENECKER, 2005, p. 184.

⁴⁵ KEENER, 2017, p. 232.

⁴⁶ PFEIFFER, Charles; HARRISON, Everett. **Comentário bíblico Moody: Volume 4: Os Evangelhos e Atos.** 2.ed. São Paulo: Batista Regular, 1984, p. 139.

⁴⁷ BAILEY, 1995, p. 45.

⁴⁸ BAILEY, 1995, p. 45.

apenas como a entrega de algo precioso, mas como uma completa ruptura com sua antiga vida de pecado, anterior ao perdão dado por Cristo.

Além disso, é válido perceber como a ação da mulher se contrapõe completamente à do fariseu. Enquanto Simão claramente humilhava Jesus em sua residência, ela ungiu “os seus pés, demonstrando desta forma a honra que prestava à sua nobre pessoa”.⁴⁹ A respeito do contraste entre as formas que Jesus foi tratado, Bailey conclui claramente que “assim, ao mesmo tempo que o gesto de Simão dá a entender que Jesus estava em posição social inferior, o ato da mulher lhe atribui a honra de um nobre na casa de um rei”.⁵⁰

A partir da análise das ações da mulher e do peso de cada uma delas dentro do contexto judaico, não é surpresa que Simão tenha ficado tão revoltado. Ele não consegue perceber nenhuma demonstração de devoção, humildade e amor por parte dela, apenas consegue enxergar suas atitudes imorais que, mediante o toque, estariam contaminando um de seus hóspedes.⁵¹ E este, como o próprio Simão deduziu, não poderia ser um profeta por aceitar qualquer uma daquelas coisas.⁵² Diante do pensamento do fariseu, Jesus lhe conta uma parábola, que será o objeto de análise do próximo tópico.

4. A PARÁBOLA MENCIONADA POR JESUS E SEUS ENSINAMENTOS

É importante notar que Simão não disse nenhuma palavra a respeito da mulher ou de Jesus, mas teve apenas “uma pequena conversa de desaprovação consigo mesmo”.⁵³ Porém, diante da dúvida do fariseu, “Jesus provou que, de fato, era um profeta ao ler os pensamentos de Simão e revelar suas necessidades”.⁵⁴ Sobre isso, Rienecker também comenta que “as palavras de Jesus assinalam o que acontecia no coração da pecadora e também o que representam os pensamentos e as perguntas de Simão”,⁵⁵ mesmo sem precisar ouvir nada dos dois.

Cristo, então, declara que tem algo a dizer a Simão. Como explica Bailey, “a frase ‘tenho uma coisa a dizer para você’ é uma expressão idiomática clássica do Oriente Médio que introduz uma conversa áspera, a qual o ouvinte talvez não queira ouvir”.⁵⁶ Após essas palavras introdutórias, Jesus profere uma parábola, relatada no texto de Lucas 7.41-42, conforme o texto abaixo:

⁴¹ Certo credor tinha dois devedores, um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. ⁴² Não tendo nenhum dos dois com o que pagar, perdoou-lhes a ambos.⁵⁷

⁴⁹ BAILEY, 1995, p. 47.

⁵⁰ BAILEY, 1995, p. 47.

⁵¹ BAILEY, 1995, p. 48.

⁵² Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

⁵³ KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 57.

⁵⁴ LOPES, Hernandes D. **Lucas: Jesus, o homem perfeito**. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 222.

⁵⁵ RIENECKER, 2005, p. 185.

⁵⁶ BAILEY, 2016, p. 254.

⁵⁷ Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Depois de dizer esta parábola, Jesus questiona Simão perguntando qual dos dois devedores teria mais amor pelo credor e o fariseu responde que é aquele que recebeu o perdão da maior dívida. De acordo com o texto, Jesus observa que Simão respondeu corretamente. Além disso, é importante destacar que Jesus também acusa o anfitrião pelas falhas cometidas na recepção. Isto é, segundo Bailey, “um ataque sem precedentes contra a qualidade inferior da hospitalidade oferecida, e este é expresso sem rodeios e em termos claros”.⁵⁸

Dentro do contexto em que a parábola é proferida, não é difícil perceber que o credor é Deus, enquanto que os dois devedores são Simão, sendo este o menor, e a mulher a maior.⁵⁹ Na história, os devedores são igualados em sua necessidade, pois, apesar da diferença entre as dívidas, ambos são incapazes de pagar.⁶⁰ Porém, também são igualados pela graça recebida, pois são perdoados.⁶¹

É válido destacar que “o fariseu não era menos pecador que a mulher”⁶², mesmo sendo identificado na parábola como o menor devedor, “mas é a mulher quem reconhece seus muitos pecados e demonstra arrependimento”.⁶³ Simão é quem pouco ama, pois pouco foi perdoado e de acordo com Bailey, a fala de Jesus pode ser entendida como:

Você, Simão, tem muitos pecados, (alguns deles acabamos de mencionar). Você tem pouca percepção deles, e não se arrependeu. Desta forma, você foi perdoado pouco, e naturalmente, amou pouco.⁶⁴

Bailey segue comentando sobre a explicação de Jesus subsequente à parábola, dizendo que:

Jesus havia acabado de mencionar em termos intensos algumas das falhas (dívidas) de Simão, e elas refletem muito mais do que impropriedades formais como hospedeiro adequado. Pelo contrário, indicam profundos níveis de orgulho, arrogância, dureza de coração, hostilidade um espírito julgador, pequena compreensão acerca do que realmente contamina, rejeição dos pecadores, insensibilidade, incompreensão acerca da natureza do perdão de Deus e machismo.⁶⁵

Dessa forma, fica claro que a falta de amor de Simão é fruto da falta de perdão vinda da falta de arrependimento resultada da ausência da percepção de seu próprio pecado. Como aponta Ryle, as faltas foram cometidas “porque ele não se sentiu sob qualquer obrigação, não tinha consciência de ter recebido o perdão e não possuía qualquer sentimento de dívida para com Cristo”.⁶⁶

⁵⁸ BAILEY, 1995, p. 55.

⁵⁹ BAILEY, 2005, p. 256.

⁶⁰ BAILEY, 1995, p. 50.

⁶¹ BAILEY, 1995, p. 50.

⁶² LOPES, 2017, p. 223.

⁶³ LOPES, 2017, p. 223.

⁶⁴ BAILEY, 1995, p. 57.

⁶⁵ BAILEY, 1995, p. 57.

⁶⁶ RYLE, 2018, p. 173.

Enquanto isso, as demonstrações amorosas da mulher são uma evidência de ter recebido o perdão. Ryle também comenta que “seu amor foi o efeito, e não a causa, do perdão que recebeu; a consequência, e não a condição, de seu perdão; o resultado, e não o motivo, de seu perdão; o fruto, e não a raiz, de seu perdão”.⁶⁷

Concordando com essa argumentação, Bailey aponta que, “na verdade, Jesus não perdoa os pecados dela naquela hora. Pelo contrário, ele anuncia um perdão que já tivera lugar no passado”.⁶⁸ Esse posicionamento inclusive encontra fundamento nas últimas palavras ditas por Jesus no relato, na clara declaração de que a salvação vem pela fé.⁶⁹ Dessa forma, a mulher é misericordiosamente despedida da presença dos que a menosprezaram, recebendo a garantia da paz reconciliadora com Deus por meio de Jesus.⁷⁰ Ainda dentro da casa, porém, “Simão está sob uma redoma de vidro e é desafiado a aceitar o perdão oferecido, reagir com amor e rever o padrão de sua visão de mundo”.⁷¹ Da forma com que o relato se encerra, não é apenas o fariseu que deve tomar uma atitude, mas como aponta Bailey, “agora o leitor/ouvinte precisa completar a parábola com a sua reação pessoal ao único agente (Jesus) de Deus de perdão e paz”.⁷²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível verificar e comprovar quão útil é a análise do contexto cultural do Oriente Médio do primeiro século e como ela contribui para um entendimento mais profundo e adequado de uma passagem bíblica. Através da consideração dessas informações, principalmente no que diz respeito às atitudes da mulher pecadora, é possível concluir que as verdadeiras evidências e provas do arrependimento e da conversão são: o humilde reconhecimento de que Cristo é Senhor, um amor genuíno demonstrado a Jesus, a entrega a ele daquilo que se possui de mais valioso e a ruptura completa com a vida de pecado anterior ao encontro com o Salvador. Por outro lado, como pode ser visto em Simão, a falta de amor é fruto da ausência do perdão, que resulta da falta de arrependimento vinda da incapacidade de enxergar o próprio pecado.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAILEY, Kenneth. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

⁶⁷ RYLE, 2018, p. 173.

⁶⁸ BAILEY, 1995, p. 56.

⁶⁹ BAILEY, 1995, p. 59.

⁷⁰ BAILEY, 1995, p. 59.

⁷¹ BAILEY, 2005, p. 262.

⁷² BAILEY, 1995, p. 59.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho de Lucas**: a vida de Jesus. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.

GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**: orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. 3.ed. Curitiba: ADSantos, 2004.

KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas**: Jesus, o homem perfeito. São Paulo: Hagnos, 2017.

MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983.

PFEIFFER, Charles; HARRISON, Everett. **Comentário bíblico Moody**: Volume 4: Os Evangelhos e Atos. 2.ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005.

RYLE, John Charles. **Meditações no Evangelho de Lucas**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2018.

WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento: Volume I. São Paulo: Geográfica, 2006.